



PREFEITURA DE

CAMPOS

SECRETARIA MUNICIPAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E TECNOLOGIA

 **Mais
Ciência**

QUILOMBINHO DO CAMILINHO: UM QUINTAL DE LEITURAS RAÍZES DA TERRA

Orientador: Edimilson Antônio Mota

Bolsista: Ruth Machado Santana Lima

Universidade Federal Fluminense

2026



SUMÁRIO

RESUMO	3
INTRODUÇÃO	4
REVISÃO DA LITERATURA	6
MATERIAIS E MÉTODOS.....	9
RESULTADOS E DISCUSSÃO	11
CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS.....	19

RESUMO

Campos dos Goytacazes foi uma das últimas cidades do Brasil a abolir a escravidão. Os efeitos desse processo desumanizador ainda podem ser sentidos na população local, cuja maioria é pobre e negra. Por meio da contação de histórias baseada na autobiografia afrofuturista de Camilo José Gomes, homem na condição de escravizado nascido no século XIX na região do Imbé, o projeto “Quilombinho do Camilinho: um quintal de leituras raízes da terra” Justifica-se pela necessidade de fortalecer práticas educativas voltadas à valorização da história e da cultura afro-brasileira e ao enfrentamento do racismo nas escolas. E tem como objetivo didático e pedagógico promover o resgate histórico e identitário através da contação de histórias para alunos de escolas da rede municipal de Campos. As metodologias aplicadas foram: preparação da bolsista por meio de estudos sobre educação antirracista; desenvolvimento de atividades formativas com docentes da escola participante; manejo de plantas medicinais e reprodução de mudas no quintal do Quilombinho; criação de fantoche; contação de histórias sobre Camilo José Gomes; e realização de atividades lúdicas com os discentes da Escola Municipal Lions I. Como resultados, o projeto mostrou-se relevante por promover reflexões sobre as relações étnico-raciais entre discentes e docentes. Observou-se também maior interesse dos alunos pela história local e pela valorização das identidades quilombolas. Durante as atividades formativas, percebeu-se que alguns professores demonstram receio em trabalhar a temática racial em sala de aula, evidenciando lacunas na formação docente e a necessidade de ampliar espaços de debate e formação continuada. Conclui-se que iniciativas como o Quilombinho do Camilinho contribuem para valorizar a memória afro-brasileira, fortalecer a identidade dos estudantes e incentivar práticas pedagógicas comprometidas com uma educação antirracista.

INTRODUÇÃO

Campos dos Goytacazes foi uma das últimas cidades do Brasil a abolir formalmente a escravidão, e os efeitos desse processo histórico de desumanização permanecem sensíveis sobre parte significativa de sua população, majoritariamente pobre e negra. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), o município conta atualmente com 483.551 habitantes, dos quais 51,58% se autodeclararam pretos ou pardos. Esse dado demográfico reforça a urgência de políticas públicas e ações educativas voltadas ao enfrentamento do racismo estrutural e à valorização da história e da cultura afro-brasileira no território campista.

Este projeto tem suas raízes em uma pesquisa realizada no Arquivo Público Municipal de Campos dos Goytacazes, no ano de 2016, conduzida por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES/MEC). O objetivo original da pesquisa era investigar qual era o lugar reservado ao negro no jornal Monitor Campista, ao longo da década de 1860. Foi nesse levantamento em fonte primária que a trajetória de Camilo José Gomes emergiu como um achado histórico de grande relevância simbólica, hoje compreendido como referência para a população negra local na luta pelo direito civil.

Camilo José Gomes nasceu escravizado, no século XIX, na fazenda Laranjeira, no alto do rio Imbé, filho de pais também escravizados. Seu pai, carpinteiro e marceneiro da fazenda, ensinou-lhe desde cedo o ofício da marcenaria e, aos quatro anos de idade, os primeiros passos da leitura e da escrita. A primeira palavra que aprendeu foi Ubuntu, herdada da ancestralidade africana e traduzida por seu pai como a certeza de que a humanidade habita em todos nós, mesmo quando submetidos à condição de objeto pela violência da escravidão. Aos doze anos, Camilo foi obrigado a deixar o convívio com a família para morar na vila de Campos, a serviço de sua senhora, Dona Sebastiana. Ali, reproduziu o quintal de plantas medicinais aprendido com os pais e tornou-se referência entre os escravizados da vila, procurado por seus conhecimentos de cura. No testamento de sua senhora, ficara estabelecido que, após sua morte, Camilo seria alforriado; a promessa, no entanto, não se cumpriu no tempo previsto, obrigando-o a recorrer à justiça e à imprensa o jornal Monitor Campista para reivindicar sua liberdade, obtida finalmente não pela força da lei, mas pela ação do tempo.

Essa narrativa autobiográfica, reconstruída em chave afrofuturista, fundamenta

o projeto de extensão “Quilombinho do Camilinho: um quintal de leituras raízes da terra”, que tem como propósito resgatar a história dos povos quilombolas do Imbé por meio da contação de histórias voltada a alunos dos quilombos de Aleluia, Cambucá e Batatal, bem como de escolas da rede municipal de Campos. O projeto está amparado pela Lei nº 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para tornar obrigatório o ensino de História da África e da Cultura Afro-Brasileira em toda a educação básica. A partir dessa base legal e pedagógica, foi criada na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Campos, a Ludoteca Camilo José Gomes, espaço de desenvolvimento de tecnologia social antirracista, do qual também resultou um projeto de lei, em tramitação na Câmara Municipal de Campos, propondo o nome de Camilo José Gomes para uma via da cidade, além do próprio Quilombinho do Camilinho, quintal de plantas medicinais que reproduz aquelas utilizadas pelo protagonista da história.

Diante desse contexto, o presente trabalho buscou responder à seguinte questão: de que maneira a utilização da contação de histórias baseada na trajetória de Camilo José Gomes pode contribuir para o fortalecimento da identidade quilombola e para uma educação antirracista?

O projeto encontra-se em sua segunda edição. Em 2024, obteve aprovação do Programa Mais Ciência, tendo alcançado ao menos dez escolas da rede municipal de Campos, beneficiadas com a contação da história do Camilinho, a distribuição gratuita do livro correspondente e a apresentação de peça teatral, além da formação de sessenta profissionais da educação, organizados em duas turmas. Na edição 2025–2026, sob orientação do professor Edimilson Antônio Mota e execução da bolsista de extensão Ruth Machado Santana Lima, o projeto avançou para uma nova frente de atuação, com a aplicação da metodologia junto à Escola Municipal Lions I, no bairro Parque Santa Rosa, em Campos dos Goytacazes.

O presente relatório tem por finalidade sistematizar e discutir as atividades desenvolvidas nessa nova etapa, descrevendo o processo de formação teórica da bolsista, a caracterização do território e da escola-campo, a formação realizada junto ao corpo docente, as atividades pedagógicas aplicadas às turmas de 6º e 7º ano do ensino fundamental na disciplina de Artes, e os resultados observados, incluindo os desafios relativos à adesão docente e às reações dos estudantes diante de temáticas de religiosidade de matriz africana.

Embora o plano inicial previsse maior adesão de professores e, conseqüentemente, aplicação em um número maior de turmas, durante a execução

observou-se que apenas um professor aderiu voluntariamente ao projeto, o que direcionou as ações para duas turmas do ensino fundamental. Além disso, a visita dos estudantes à Universidade Federal Fluminense ocorreu em momento posterior ao inicialmente previsto, em razão de questões logísticas e administrativas relacionadas à organização do transporte escolar, à disponibilidade institucional e ao cronograma das atividades escolares. Tais alterações não comprometeram os objetivos da pesquisa, mas demandaram adequações no planejamento das ações desenvolvidas.

O documento está organizado em introdução, revisão da literatura, materiais e métodos, resultados e discussão, considerações finais e referências.

REVISÃO DA LITERATURA

A Lei 10.639/2003 e o ensino de história e cultura afro-brasileira: Promulgada em 2003, a Lei nº 10.639 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), incluindo o artigo 26-A, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em todos os estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados. A lei surgiu como resposta institucional a décadas de reivindicação do movimento negro brasileiro, que denunciava o silenciamento e a folclorização da história e da cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares.

Mais de vinte anos após sua promulgação, a implementação da Lei 10.639/2003 ainda enfrenta obstáculos relacionados à formação docente insuficiente, à resistência institucional e ao despreparo de parte dos profissionais da educação para lidar com temas sensíveis relacionados a raça e racismo. Nesse cenário, projetos de extensão universitária como o Quilombinho do Camilinho cumprem papel estratégico, oferecendo materiais didáticos concretos, formação continuada e mediação pedagógica que aproximam a legislação da prática cotidiana em sala de aula.

Afrofuturismo, memória, ficção e ancestralidade: O afrofuturismo é um movimento estético e político que articula elementos de ficção científica, fantasia e realismo mágico à história, à cultura e às cosmovisões da diáspora africana, propondo-se a imaginar futuros possíveis para populações negras a partir do resgate e da ressignificação de seu passado. Presente na literatura, na música e nas artes visuais, o afrofuturismo tem se consolidado no Brasil como ferramenta de resistência simbólica diante do apagamento histórico imposto às populações negras.

No projeto Quilombinho do Camilinho, a chave afrofuturista permite que a trajetória de Camilo José Gomes seja recontada não apenas como registro documental de um passado de sofrimento, mas como narrativa que entrelaça memória, ficção e

esperança, atribuindo protagonismo e agência a um homem escravizado. Essa escolha estética e pedagógica favorece a identificação das crianças com a história contada, na medida em que Camilo é apresentado como sujeito de saberes — a marcenaria, as plantas medicinais, a leitura e a escrita e não apenas como vítima de um sistema de exploração.

Tecnologia social como estratégia pedagógica de baixo custo compreende-se por tecnologia social o conjunto de técnicas, metodologias e produtos desenvolvidos e/ou aplicados em interação direta com a população, representando soluções efetivas de transformação social, caracterizadas pelo baixo custo, pela simplicidade de reprodução e pela apropriação coletiva do conhecimento gerado. Diferencia-se, assim, da transferência unilateral de tecnologia convencional, por pressupor a participação da comunidade em todas as etapas de concepção e uso.

O livro Camilinho, o menino Quilombinho, os fantoches de feltro, o quintal de plantas medicinais e as demais atividades lúdicas que compõem o projeto configuram-se como tecnologia social de baixo custo voltada ao enfrentamento do racismo no ambiente escolar. Trata-se de material replicável, de fácil produção e distribuição gratuita, capaz de alcançar diferentes escolas da rede municipal sem demandar investimentos elevados, o que amplia seu potencial de disseminação e justifica sua descrição como tecnologia social antirracista.

O pacto da branquitude e os silêncios sobre raça na escola: A pesquisadora Cida Bento desenvolveu o conceito de pacto da branquitude para descrever um acordo tácito, frequentemente inconsciente, entre sujeitos brancos, que os leva a evitar o confronto direto com o racismo e com os privilégios estruturais associados à branquitude, preservando-se, assim, o status quo racial da sociedade brasileira. Nessa perspectiva, a branquitude funciona como norma invisível, não marcada, que orienta práticas e relações sociais sem nunca precisar se explicar ou se justificar enquanto categoria racial.

Esse referencial teórico oferece uma chave de leitura importante para compreender, no âmbito deste projeto, a razão pela qual a ampla maioria dos professores da escola-campo vinte e quatro de um total de vinte e cinco não aderiu à proposta de aplicar as atividades antirracistas em suas turmas, mesmo após participarem da formação oferecida. O desconforto diante da temática racial, muitas vezes não verbalizado, e o receio de lidar com possíveis tensões em sala de aula podem ser compreendidos como manifestações concretas desse pacto, e serão retomados na seção de resultados e discussão.

Identidade, representação e alteridade: diálogo com Stuart Hall: O teórico cultural Stuart Hall problematiza a ideia de identidade como algo fixo, essencial ou dado a priori, propondo compreendê-la como construção social, histórica e relacional, sempre atravessada pela representação e pela diferença. Para Hall, as identidades culturais são narrativas que os sujeitos e os povos constroem sobre si mesmos, em diálogo e muitas vezes em tensão com as narrativas que outros constroem sobre eles.

Essa perspectiva dialoga diretamente com atividades desenvolvidas no projeto, como a Página do Eu e o Autorretrato, que convidam as crianças a elaborar representações de si mesmas e a confrontar, ainda que de modo lúdico, padrões estéticos hegemônicos que historicamente negaram ou desvalorizaram traços físicos associados à negritude, como a cor da pele e o tipo de cabelo. Ao proporcionar espaço para que essas representações sejam elaboradas, verbalizadas e valorizadas coletivamente, o projeto contribui para processos de afirmação identitária das crianças negras e quilombolas atendidas.

Pedagogia das Encruzilhadas: saberes afrodiaspóricos na educação: Luiz Rufino propõe, em sua obra Pedagogia das Encruzilhadas, uma epistemologia e uma metodologia de ensino inspiradas nas cosmovisões religiosas afro-brasileiras, sobretudo na figura de Exu, orixá guardião das encruzilhadas e da comunicação. A encruzilhada, nesse sentido, é tomada como metáfora de um pensamento que não se fecha em verdades únicas, valorizando a oralidade, a corporeidade, a memória ancestral e as pedagogias comunitárias como contraponto à tradição pedagógica eurocêntrica e colonial.

Esse referencial sustenta teoricamente a legitimidade de incluir, no projeto, referências aos orixás e às religiões de matriz africana presentes tanto no livro quanto na atividade de caça-palavras não como curiosidade folclórica, mas como patrimônio cultural e religioso a ser respeitado e conhecido, na mesma medida em que se respeita e se conhece qualquer outra tradição religiosa presente na sala de aula.

Ubuntu e a filosofia da humanidade compartilhada: A filosofia ubuntu, de matriz sul-africana, pode ser resumida na máxima segundo a qual uma pessoa só é pessoa por meio de outras pessoas: a humanidade de cada indivíduo está intrinsecamente ligada à humanidade dos demais. Trata-se de uma ética comunitária que valoriza a solidariedade, o respeito e o cuidado coletivo, em contraposição a visões individualistas de sujeito.

Na narrativa de Camilo José Gomes, a palavra Ubuntu é justamente a primeira que ele aprende a ler e escrever, ensinada por seu pai como legado ancestral vindo da

África. Esse elemento não é apenas um detalhe biográfico: ele estrutura o sentido pedagógico de todo o projeto, que não se propõe apenas a ensinar fatos históricos, mas a transmitir valores de solidariedade, respeito à diferença e reconhecimento da humanidade comum entre todas as pessoas, independentemente de raça, cor ou religião.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e baseada em relato de experiência, desenvolvida no âmbito de um projeto de extensão universitária.

Formação e aprofundamento teórico da bolsista: Antes da aplicação das atividades junto aos estudantes, a bolsista responsável pela execução do projeto passou por um período de formação e aprofundamento teórico, orientado pelo professor Edimilson Antônio Mota. Essa etapa incluiu a leitura de obras de referência sobre relações étnico-raciais e educação antirracista, entre elas O Pacto da Branquitude, de Cida Bento; o texto da Lei nº 10.639/2003 e seus desdobramentos na legislação educacional brasileira; Quem Precisa de Identidade?, de Stuart Hall; e Pedagogia das Encruzilhadas, de Luiz Rufino, além das referências bibliográficas originais do projeto, discutidas na seção anterior deste relatório.

O objetivo dessa etapa formativa foi assegurar que a aplicação prática das atividades estivesse ancorada em fundamentação teórica consistente, evitando abordagens superficiais de temas sensíveis relacionados a racismo, religiosidade e identidade, e preparando a bolsista para mediar, com segurança pedagógica, situações de tensão eventualmente surgidas em sala de aula como de fato ocorreu durante o momento de leitura do livro, conforme será relatado na seção de resultados.

Caracterização do território e da escola-campo: A Escola Municipal Lions I está localizada na Avenida Santa Rosa, S/N, no bairro Parque Santa Rosa, região próxima a Custodópolis, em Campos dos Goytacazes – RJ. Trata-se de um bairro de perfil predominantemente residencial e comercial, periférico em relação ao centro histórico da cidade, marcado por intensa presença de pequenos comércios, farmácias, padarias e templos religiosos de diferentes matrizes evangélicas, pentecostais e também casas de religião de matriz africana presentes na região. Essa pluralidade religiosa do território é um dado relevante para a compreensão dos resultados deste projeto, na medida em que o predomínio de igrejas neopentecostais na vizinhança escolar ajuda a explicar

reações de estranhamento e rejeição por parte de alguns estudantes diante de conteúdos relacionados aos orixás.

A instituição oferece ensino fundamental, atendendo crianças e adolescentes moradores do bairro e de áreas adjacentes, em sua maioria oriundos de famílias de baixa renda, o que reforça a pertinência de projetos de extensão universitária voltados à valorização da identidade negra e quilombola nesse contexto socioeconômico.

Apresentação do projeto à direção escolar : A primeira etapa de campo consistiu na apresentação do projeto à direção da Escola Municipal Lions I, ocasião em que foram expostos os objetivos do projeto Quilombinho do Camilinho um quil de raízes da terra, sua fundamentação na Lei nº 10.639/2003 e sua trajetória desde a primeira edição, em 2024. Esse contato inicial foi fundamental para garantir a legitimidade institucional da proposta junto ao corpo docente e à comunidade escolar, construir uma relação de confiança com a gestão e assegurar que as atividades fossem compreendidas como parte de um processo pedagógico contínuo, e não como uma ação isolada ou externa à rotina da escola. A direção da unidade recebeu a proposta de forma favorável, viabilizando as etapas seguintes de formação docente e aplicação junto às turmas.

Formação com o corpo docente: Na sequência, foi realizada uma formação com o corpo docente da escola, da qual participaram vinte e cinco professores. Na ocasião, a equipe do projeto se apresentou, discutiu com os docentes a legislação referente ao ensino da cultura afro-brasileira, apresentou o projeto e o livro Camilinho, o menino Quilombinho, e conduziu, com os próprios professores, as mesmas atividades lúdicas que posteriormente seriam aplicadas aos estudantes entre elas a Página do Eu, o Autorretrato e a caça-palavras dos orixás.

Ao final da formação, apenas um professor, entre os vinte e cinco presentes o professor Pablo, da disciplina de Artes manifestou interesse em aplicar o projeto em suas turmas. Esse dado, aparentemente pontual, revelou-se um dos achados mais significativos deste relatório, e será discutido com maior profundidade na seção de resultados e discussão, à luz do referencial teórico sobre o pacto da branquitude.

Turmas participantes: A partir da adesão do professor Pablo, o projeto foi aplicado em duas turmas do ensino fundamental 6º e 7º ano na disciplina de Artes, ao longo de encontros sucessivos, permitindo o desenvolvimento gradual das atividades propostas e o acompanhamento do engajamento dos estudantes ao longo do processo.

Materiais e recursos utilizados: Para a execução das atividades, foram utilizados os seguintes materiais e recursos: o livro Camilinho, o menino Quilombinho, de autoria do professor Edmilson Antônio Mota; fantoches confeccionados em feltro e papelão,

representando personagens da história de Camilo José Gomes; folhas de papel em branco e blocos de post-it, utilizados na atividade Página do Eu; folhas de atividade impressas para o Autorretrato, a caça-palavras dos orixás e o questionário Você Conhece a História do Camilinho?

Procedimentos e atividades aplicadas: As atividades foram organizadas na seguinte sequência metodológica: (1) apresentação do livro Camilinho, o menino Quilombinho e leitura coletiva da obra em sala de aula; (2) realização da atividade Página do Eu, na qual os estudantes respondiam a perguntas sobre experiências relacionadas à identidade racial, colando um post-it na folha em branco em caso de resposta afirmativa; (3) produção de autorretratos, em que cada estudante deveria desenhar a si mesmo, destacando algo que gostasse ou não gostasse de si; (4) realização de caça-palavras temático sobre os orixás; (5) aplicação de questionário de fixação sobre a história de Camilinho; e (6) condução de um momento coletivo de reflexão sobre respeito, identidade, aceitação, racismo e luta, encerrando o ciclo de atividades em sala de aula. Os resultados observados em cada uma dessas etapas são detalhados a seguir.

Os dados foram analisados por meio da interpretação qualitativa das observações registradas durante as atividades, dos relatos do professor participante, das percepções da bolsista e da participação dos estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentação do livro e o momento da leitura: A apresentação do livro Camilinho, o menino Quilombinho aos estudantes das turmas de 6º e 7º ano teve como ponto de partida uma breve explicação sobre o que é o afrofuturismo um movimento estético que une elementos de ficção e fantasia à memória histórica e à cultura afro-brasileira, permitindo recontar o passado de forma criativa e valorizadora e sobre o conceito de tecnologia social, entendida como solução educativa de baixo custo, criada com e para a comunidade, capaz de ser reproduzida em diferentes escolas sem grande investimento financeiro. Essa contextualização inicial mostrou-se importante para que os próprios estudantes compreendessem o sentido e a origem do material que estavam prestes a conhecer.

A leitura do livro, baseada na vida de Camilo José Gomes, um homem escravizado no século XIX em Campos dos Goytacazes, despertou visível interesse dos alunos, que acompanharam atentamente a narrativa sobre a infância do protagonista,

o aprendizado da marcenaria e das plantas medicinais e sua trajetória até a vila de Campos. Esse interesse, no entanto, sofreu uma inflexão perceptível no momento em que a história passou a mencionar os orixás, integrantes da cosmovisão religiosa afro-brasileira herdada por Camilo de seus ancestrais. Nesse ponto, alguns estudantes reagiram com expressões de estranhamento e rejeição, como “cruz-credo” e “tá repreendido em nome de Jesus”, revelando a presença de discursos de intolerância religiosa previamente internalizados, provavelmente relacionados à forte presença de igrejas evangélicas e neopentecostais no entorno da escola, conforme já discutido na caracterização do território.

Esse episódio, embora inicialmente desafiador para a condução da atividade, tornou-se uma oportunidade pedagógica valiosa. A partir dele, foi possível abrir um diálogo com os estudantes sobre a pluralidade religiosa brasileira, sobre o direito constitucional à liberdade de crença e sobre o modo como o preconceito contra religiões de matriz africana está historicamente associado ao próprio racismo estrutural que o projeto busca combater. Retomando o referencial de Luiz Rufino discutido na revisão da literatura, a menção aos orixás na narrativa de Camilo José Gomes não deve ser lida como elemento estranho ou ameaçador, mas como parte legítima do patrimônio cultural e religioso afro-brasileiro, que carece de reconhecimento e respeito no ambiente escolar tanto quanto qualquer outra tradição de fé.

Página do Eu: A atividade Página do Eu consistiu em um roteiro de perguntas ao qual os estudantes respondiam colando um post-it em uma folha em branco sempre que a resposta fosse afirmativa como, por exemplo, diante da pergunta se alguém já havia elogiado a cor de sua pele ou o seu cabelo. Trata-se de uma dinâmica simples, porém potente: ao tornar visíveis, de forma coletiva e lúdica, experiências de afirmação (ou de ausência de afirmação) relacionadas a marcadores raciais do corpo, a atividade favorece a percepção, por parte da turma, de padrões antes invisíveis de valorização ou desvalorização estética associados à negritude.

Essa proposta dialoga diretamente com a discussão de Stuart Hall sobre identidade e representação: ao proporcionar um espaço estruturado para que cada estudante reconheça e compartilhe pequenas experiências de reconhecimento ou de sua ausência, o projeto contribui para a construção de narrativas mais positivas sobre si mesmo entre os estudantes negros e quilombolas atendidos, ao mesmo tempo em que sensibiliza os demais colegas para a importância de gestos cotidianos de valorização da diversidade.

Autorretrato: Na atividade do Autorretrato, os estudantes foram convidados a

se desenhar, destacando algo de que gostassem ou não gostassem em si mesmos. A proposta revelou, na prática, a dificuldade que muitas crianças e adolescentes ainda apresentam para se representar visualmente, sobretudo no que diz respeito a traços associados à negritude, como o tipo de cabelo e o tom de pele. Essa dificuldade pode ser compreendida à luz do conceito de branquitude discutido anteriormente: padrões estéticos hegemônicos, historicamente construídos como norma, continuam operando de modo silencioso sobre a autoimagem de crianças negras, dificultando processos espontâneos de autorrepresentação positiva.

A realização da atividade foi essencial para acolher essas dificuldades sem constrangimento, incentivando os estudantes a reconhecerem características físicas associadas à sua ascendência negra como parte legítima e valiosa de sua identidade, e não como algo a ser escondido ou minimizado no desenho. A atividade reforça, assim, o papel da escola como espaço de construção e não apenas de reprodução de referências estéticas e identitárias.

Caça-palavras dos orixás: A atividade de caça-palavras, organizada em torno de nomes de orixás, foi aplicada em um contexto já sensibilizado pelas reações registradas durante o momento de leitura do livro, descritas no item 4.1. Nesse sentido, a atividade cumpriu papel estratégico de reforço pedagógico: ao transformar em jogo os nomes das divindades da cosmovisão afro-brasileira, o projeto buscou naturalizar e legitimar esse universo religioso perante os estudantes, contrapondo-se ao discurso de demonização frequentemente associado às religiões de matriz africana em contextos socialmente marcados pela hegemonia religiosa neopentecostal.

Mais do que uma atividade lúdica isolada, o caça-palavras representa, no conjunto do projeto, um instrumento de combate ao preconceito religioso, ampliando a noção de aceitação da diferença para além da cor da pele, de modo a incluir também o respeito às diferentes formas de crença e de espiritualidade presentes na sociedade brasileira.

Questionário: Você conhece a história do Camilinho? Ao final do ciclo de atividades, foi aplicado um questionário com perguntas relacionadas diretamente ao conteúdo do livro, com o objetivo de verificar e reforçar a fixação da história de Camilo José Gomes pelos estudantes. Essa etapa funcionou como instrumento de avaliação formativa, permitindo identificar quais aspectos da narrativa haviam sido bem compreendidos e quais mereceriam retomada em momentos futuros, além de consolidar, de forma estruturada, a aprendizagem histórica proposta pelo projeto.

Momento de reflexão: respeito, identidade, aceitação, racismo e luta: O ciclo

de atividades foi encerrado com um momento coletivo de reflexão, organizado em torno de cinco eixos temáticos: respeito, identidade, aceitação, racismo e luta. No eixo do respeito, discutiu-se a importância de reconhecer e valorizar as diferenças entre as pessoas, sejam elas raciais, religiosas ou culturais, como base para a convivência escolar. No eixo da identidade, retomou-se a trajetória de Camilo José Gomes como fio condutor para que os estudantes refletissem sobre suas próprias raízes, incluindo, quando pertinente, vínculos com comunidades quilombolas do Imbé.

No eixo da aceitação, trabalhou-se tanto a aceitação de si mesmo retomando as dificuldades observadas na atividade do Autorretrato quanto a aceitação do outro, em suas diferenças de cor, cabelo, religião e origem. No eixo do racismo, buscou-se nomear o fenômeno para além de atitudes individuais isoladas, situando-o como estrutura social historicamente construída, da qual a própria história da escravidão em Campos dos Goytacazes é testemunho direto. Por fim, no eixo da luta, a trajetória de Camilo José Gomes foi apresentada não apenas como relato de sofrimento, mas como narrativa de resistência e agência: um homem que, mesmo escravizado, aprendeu a ler, cultivou saberes, recorreu à justiça e à imprensa para reivindicar sua liberdade, e cuja história, décadas depois, chega às escolas justamente como havia profetizado em sua própria narrativa.

A formação docente e o desafio da adesão: refletindo sobre 1 em 25: Um dos resultados mais relevantes deste relatório diz respeito à formação realizada com o corpo docente da Escola Municipal Lions I: dos vinte e cinco professores que participaram da formação, apenas um o professor da disciplina de Artes aderiu à proposta de aplicar o projeto em suas turmas. Esse dado, longe de ser um detalhe secundário, constitui um indicador importante sobre os limites concretos da implementação da Lei nº 10.639/2003 no cotidiano escolar, mais de vinte anos após sua promulgação.

À luz do conceito de pacto da branquitude, discutido na revisão da literatura, a baixa adesão docente pode ser interpretada como manifestação de um desconforto coletivo, frequentemente não verbalizado, diante da temática racial desconforto agravado, no caso desta escola, pela sobreposição com questões de religiosidade, tema ainda mais sensível em um território de forte presença neopentecostal. É importante reconhecer, contudo, que essa resistência não deve ser lida apenas como recusa individual: ela também revela uma lacuna estrutural na formação continuada de professores para o trabalho com relações étnico-raciais, evidenciando a necessidade de políticas educacionais municipais mais robustas e sustentadas nesse campo, para além de formações pontuais.

Ao mesmo tempo, a adesão do professor de artes demonstra a viabilidade concreta do projeto quando encontra um profissional disposto a se engajar: os resultados obtidos em suas turmas descritos ao longo desta seção indicam que, uma vez aplicado, o material produz reflexões relevantes entre os estudantes. Esse contraste entre a baixa adesão geral e o resultado positivo pontual reforça a recomendação de que o Quilombinho do Camilinho continue investindo em formações continuadas, mais frequentes e aprofundadas, capazes de construir segurança pedagógica entre os docentes para o trabalho com a temática racial e religiosa.

Ida dos estudantes à universidade: A ida dos estudantes à universidade constituiu um dos momentos significativos do projeto. Para grande parte daqueles estudantes, aquele foi o primeiro contato com um espaço universitário, o que torna a experiência ainda mais marcante e transformadora.

Nesse sentido, entendemos que essa visita representou muito mais do que um passeio pedagógico; foi uma oportunidade concreta de aproximação entre a educação básica e o ensino superior, ampliando os horizontes desses estudantes e apresentando a universidade como um espaço possível e acessível para o seu futuro. Durante a visita, os alunos puderam conhecer de perto o trabalho desenvolvido no laboratório de pesquisa da Ludoteca Camilo José Gomes, além de conhecer o Quilombinho do Camilinho e estabelecer contato direto com as ervas medicinais ali cultivadas. Esses momentos possibilitaram um rico diálogo entre os estudantes, a equipe do projeto e os pesquisadores, favorecendo trocas de saberes e o fortalecimento do vínculo entre a comunidade escolar e a universidade.

Apresentação do teatro de fantoche: A apresentação do teatro de fantoches configurou-se como um momento singular e de grande valor pedagógico, pois possibilitou que os estudantes ouvissem, mais uma vez, a história de Camilo José Gomes, porém agora sob uma perspectiva mais lúdica e sensível. A linguagem do teatro de fantoches, por sua natureza envolvente e acessível, permitiu que a narrativa fosse recontada de forma leve, despertando encantamento, atenção e afeto por parte das crianças.

Esse recurso lúdico se mostrou fundamental para reforçar a memória histórica e cultural transmitida pelo projeto, uma vez que a repetição da história, sob uma nova forma de apresentação, contribuiu para a fixação do conteúdo e para a valorização da identidade quilombola presente na narrativa.

Percepção do professor participante: A avaliação realizada pelo professor responsável pelas turmas de 6º e 7º anos evidencia uma percepção amplamente

positiva acerca da execução do projeto. Em seu relato, destacou a qualidade da proposta pedagógica, da temática abordada e da mediação realizada durante as atividades, ressaltando que a leitura compartilhada da obra *Quilombinho do Camilinho*, as atividades desenvolvidas em sala de aula e a visita à ludoteca constituíram experiências significativas para os estudantes. Segundo o docente, o projeto favoreceu reflexões que extrapolaram as questões étnico-raciais, possibilitando aos alunos pensar sobre pertencimento, identidade e o espaço que ocupam no ambiente escolar. Como ponto de aprimoramento, mencionou que alguns bolsistas da Ludoteca da UFF, responsáveis pelo acolhimento e pela condução de parte das atividades durante a visita à universidade, poderiam contar com maior familiaridade e segurança na mediação das propostas, observação que, em sua avaliação, não comprometeu a experiência vivenciada pelos estudantes.

Entre os principais desafios observados durante a execução do projeto, o professor destacou a resistência de parte dos estudantes em participar das atividades relacionadas à cultura afro-brasileira, especialmente durante a visita à ludoteca. De acordo com seu relato, manifestações de intolerância religiosa influenciaram a postura de alguns alunos, que demonstraram receio em participar das atividades e reproduziram discursos preconceituosos associados aos elementos culturais apresentados. Apesar disso, o docente observou que, ao presenciarem a participação dos colegas e compreenderem melhor a proposta do projeto, muitos estudantes passaram a se envolver nas atividades, evidenciando que o diálogo e a vivência contribuíram para reduzir parte dessas resistências.

Quanto aos impactos do projeto, o professor ressaltou que as discussões permaneceram presentes no cotidiano escolar mesmo após o encerramento das atividades. Em diferentes momentos, os estudantes retomaram o tema durante as aulas, promovendo debates nos quais aqueles que compreenderam os objetivos do projeto passaram a dialogar com colegas que reproduziam discursos estigmatizantes, demonstrando maior compreensão sobre a cultura afro-brasileira e a importância do respeito à diversidade. Na avaliação do docente, a principal contribuição do projeto consistiu na abertura de espaços de diálogo sobre as relações étnico-raciais e a valorização da cultura afro-brasileira no ambiente escolar. Como sugestão para futuras edições, indicou que a visita à universidade ocorresse em um intervalo menor após a realização das atividades na escola, favorecendo a continuidade das discussões e a consolidação das aprendizagens. Ressaltou, entretanto, que compreende que o intervalo observado nesta edição decorreu de questões logísticas e administrativas,

como a organização do transporte, o cronograma das escolas e a disponibilidade da universidade, fatores que extrapolam a organização pedagógica do projeto.

Percepção da bolsista: Participar deste projeto representou um marco de profunda relevância em minha formação acadêmica e pessoal. Essa importância se intensifica, sobretudo, por eu ser uma mulher negra e quilombola, e por a história de Camilo José Gomes ter se desenrolado justamente no meu território. Vivenciar essa experiência não foi apenas um exercício acadêmico, mas também um processo de reencontro com minhas próprias raízes, memórias e ancestralidade, o que confere ao projeto um significado que ultrapassa os limites da pesquisa científica, tocando diretamente minha identidade e minha trajetória de vida.

Além disso, como professora recém-formada, ter a oportunidade de estar dentro de uma sala de aula, em contato direto com os alunos, trocando saberes e experiências, foi essencial para consolidar minha prática docente. Essa vivência me permitiu compreender, na prática, a importância da educação como instrumento de valorização cultural e de fortalecimento identitário, especialmente quando voltada para comunidades quilombolas, historicamente invisibilizadas.

Entretanto, é importante registrar também os desafios enfrentados ao longo da execução do projeto. Um dos aspectos que mais me entristeceu foi a quase ausência de participação dos professores da escola no projeto. Enquanto bolsista, eu esperava um maior envolvimento do corpo docente, e essa distância representou um desafio significativo para a condução do trabalho, uma vez que a colaboração entre escola e projeto é fundamental para o alcance de resultados mais amplos e duradouros.

Outro desafio enfrentado foi o deslocamento até a escola, realizado por meio de transporte público, o que exigia planejamento e disposição diante das dificuldades cotidianas desse tipo de deslocamento. Além disso, confesso que, no início do projeto, eu carregava um certo preconceito e receio em relação ao bairro onde a escola está localizada, o que me trazia uma ansiedade considerável antes de cada ida ao local. Contudo, ao longo da convivência com as turmas participantes do projeto, esse medo foi sendo gradualmente rompido, dando lugar a um sentimento de acolhimento e pertencimento. Essa superação pessoal também se configurou como um aprendizado importante, reforçando a necessidade de desconstruirmos preconceitos e estigmas territoriais, muitas vezes reproduzidos socialmente sem qualquer fundamento na realidade vivida por essas comunidades.

Não posso deixar de expressar minha profunda gratidão ao professor Edimildo, por todas as orientações, ensinamentos e pelo apoio constante ao longo do

desenvolvimento deste trabalho, fundamentais para meu crescimento como pesquisadora e educadora. Agradeço, também, à Secretaria Municipal de Educação de Campos dos Goytacazes e à Prefeitura Municipal, por viabilizarem e incentivarem projetos de tamanha relevância social, cultural e educacional, que contribuem diretamente para o reconhecimento e a valorização da história e da cultura quilombola em nosso território.

Apresentações na UENF e divulgação científica: Outro aspecto de grande relevância a ser destacado foram as apresentações realizadas na Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), momentos em que foi possível compartilhar o andamento da pesquisa e seus resultados parciais com o público acadêmico e com a sociedade em geral. Essas apresentações permitiram não apenas a divulgação científica do trabalho desenvolvido, mas também o diálogo com pesquisadores, docentes e demais interessados, contribuindo para o enriquecimento da pesquisa por meio de trocas, sugestões e reflexões coletivas.

Nesse contexto, destaca-se a participação nos Congressos de Iniciação Científica (CONFIC) de 2025 e 2026, eventos de grande importância para a divulgação da produção científica que acontece na UENF. Apresentar o projeto nesses congressos representou uma oportunidade valiosa de dar visibilidade à pesquisa, evidenciando a relevância do resgate histórico e cultural do território quilombola e reafirmando o compromisso da universidade com a produção de conhecimento socialmente engajado. Essa divulgação contribuiu, ainda, para aproximar a comunidade acadêmica das realidades quilombolas, fortalecendo o diálogo entre ciência, cultura e sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada neste documento reafirma a importância da implementação efetiva da Lei nº 10.639/2003 no cotidiano escolar, especialmente em municípios como Campos dos Goytacazes, marcado por uma história de escravidão tardiamente abolida e por uma população majoritariamente negra. A reconstrução afrofuturista da trajetória de Camilo José Gomes, aliada a uma tecnologia social de baixo custo o livro, os fantoches, o quintal de plantas medicinais e as atividades lúdicas, demonstrou capacidade concreta de mobilizar o interesse dos estudantes pela história local e pela valorização das identidades negra e quilombola.

Ao mesmo tempo, os resultados obtidos revelam desafios persistentes: as

reações de intolerância religiosa registradas durante a leitura do livro evidenciam que o combate ao racismo, no contexto escolar, não pode ser dissociado do combate ao preconceito religioso contra as tradições de matriz africana. Já a baixa adesão docente à proposta apenas um professor entre vinte e cinco expõe lacunas importantes na formação continuada de educadores para o trabalho com relações étnico-raciais, reforçando a necessidade de políticas públicas municipais mais consistentes nesse campo, para além de ações pontuais de formação.

Recomenda-se, para as próximas etapas do projeto, a ampliação das atividades formativas com o corpo docente, com encontros mais frequentes e aprofundados, além da continuidade e expansão do projeto Quilombinho do Camilinho para outras escolas. Recomenda-se, ainda, a sistematização de um espaço permanente de escuta das percepções de professores e bolsistas envolvidos, de modo a qualificar continuamente a metodologia empregada.

Cabe retomar o próprio desfecho da narrativa de Camilo José Gomes: ao pagar uma matéria no jornal Monitor Campista para contar sua história, ele profetizou que ela seria, um dia, resgatada nas páginas amarelas de um arquivo, para ser recontada a crianças, jovens e adultos negros, dentro de uma universidade que ainda viria a existir no Brasil. É precisamente essa profecia que o projeto Quilombinho do Camilinho, mais de um século depois, cumpre a cada contação de história, a cada muda de planta medicinal distribuída e a cada roda de reflexão sobre respeito, identidade, aceitação, racismo e luta.

Os resultados permitem concluir que a utilização da contação de histórias baseada na trajetória de Camilo José Gomes contribuiu significativamente para promover reflexões sobre identidade, pertencimento e enfrentamento ao racismo e uma reflexão na questão da intolerância religiosa no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

BENTO, Maria Aparecida Silva. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394/1996 para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura

Afro-Brasileira. Brasília: MEC, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.).
Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

MARIS, C. W. Philosophical racism and ubuntu: in dialogue with Mogobe Ramose.
South African Journal of Philosophy, v. 39, n. 3, p. 308-326, 2020.

MONITOR CAMPISTA. Campos dos Goytacazes: Arquivo Público Municipal de Campos dos Goytacazes, 1863.

MOTA, Edmilson Antônio. Camilinho, o menino Quilombinho. Campos dos Goytacazes: UFF, 2024.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.